
“A cultura afro-brasileira e tradições baianas na região do Bixiga: Casa do Mestre Ananias¹”

João Marcelo Flores de Bras²
Milena Santana Signor Avelar³
PPGCOM Universidade Paulista - UNIP

Resumo

Este artigo busca apresentar e discutir, em uma perspectiva de inspiração etnográfica, a construção de socialidades e suas articulações através dos elementos que atravessam a cultura da capoeira na Casa do Mestre Ananias, localizada na região do Bixiga, área central da cidade de São Paulo. Percebendo as suas apropriações e usos da cultura afro-brasileira numa proposta pós-periférica (ROCHA; SILVA; PEREIRA, 2015) de ser e estar nos espaços urbanos, estas práticas culturais analisadas mostram-se numa lógica que desafiam e negociam elementos para além da capoeira; buscando sua legitimação e protagonismo em um cenário de gentrificação e disputas pelo território. Prioriza-se a questão da cultura negra baiana, das visibilidades e das culturas juvenis (BORELLI *et al.*, 2009), em suas representações de pertencimento e de resistência através da música que envolve o samba, forró e as rodas de capoeira, como elementos políticos fundamentais para ser e estar na urbe, produzido por manifestações pautadas em corporalidades.

Palavras-chave: capoeira; hibridismos; culturas juvenis; Bixiga

Este artigo foi produzido a partir de inspirações etnográficas no território do Bixiga, o resultado de uma construção metodológica na qual o ambiente permite revelar ao pesquisador quais afetos interferem e constroem as possibilidades do ver, ouvir e sentir o território, se contrapondo com a hierarquia colonizadora do pesquisador em relação aos

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do PPGCOM Univ. Paulista. Pesquisa e atua na interface dos campos da Comunicação, Música e Consumo, com ênfase nos estudos sobre práticas midiáticas interculturais, culturas urbanas e juventudes pós-periféricas vinculadas às práticas de consumo e técnicas. Integrante dos grupos de pesquisa Juvenália, pela ESPM e MUSIMID pelo PPGCOM UNIP/ECA-USP, email: jmarcelobras@gmail.com.

³ Mestranda do PPGCOM Universidade Paulista – UNIP. Graduada em Comunicação Social – Relações Públicas, pela Universidade Metodista de São Paulo (2002), e-mail: signormila@hotmail.com

espaços da cidade, seus usos e possibilidades de representações. Esta observação flutuante (DELGADO, 1999) do cotidiano urbano paulistano representa uma maneira de perceber as polifônicas configurações destes territórios (CRUCES, 2016) repletos de construções simbólicas, que articulam elementos tradicionais da cultura negra e as disputas por uma área central da cidade, um espaço valorizado pela especulação imobiliária, movidos pela interpretação glacial do neoliberalismo para com as culturas locais. A Casa do Mestre Ananias se posiciona como um espaço cultural que, para além das flores, beleza estética da arte da capoeira, reforça as identidades juvenis através da apresentação de suas sementes, raízes e o jardim urbano de onde erradia sua dinâmica de legitimidade, o que será apresentado durante este artigo, em forma de recorte, pois o projeto da Casa do Mestre Ananias possui dimensões complexas e amplas, que sugerem diversas pesquisas que deem conta de suas múltiplas práticas.

Fruto de uma incursão etnográfica nomeada como “derivadas urbanas”, promovidas pela disciplina: Comunicação, Vida Urbana e Cidades, guiados e orientados pela professora Dra. Simone Luci Pereira (PPGCOM Universidade Paulista – UNIP), no território do Bixiga, foi realizada uma caminhada coletiva, sem planejamento prévio, circulando pelas ruas, viadutos e sendo levados pelos caminhos que conduziram a observações pela Rua Treze de Maio, área conhecida pelas famosas cantinas italianas, onde o grupo de pesquisa desfrutou de espaços públicos nas calçadas, bancos e mesas de madeira muito bem construídos, limpos e conservados, adornados por flores, promovidos pela prefeitura paulistana e cuidado pelos restaurantes, que utilizam a área como um espaço de ambientação para seus negócios. Dando sequência a caminhada pela região, o grupo acabou chegando até a escola de samba da Vai Vai, percorrendo por baixo do movimentado viaduto da Avenida Nove de Julho e passando pela área dos cortiços até chegar na Rua Major Diogo, no Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo – Casa da Dona Yayá. Devido a longa caminhada, boa parte do grupo estava exausto, depois de uma tarde toda de fluxos pelo território do Bexiga. Em uma incursão de sorte, extendendo a caminhada, chegamos a Casa do Mestre Ananias, que estava fechada, fora do horário das atividades, mas fomos recebidos pelo Mestre “Minhoca”, que prontamente abriu as portas e apresentou o espaço, contando brevemente sobre a missão cultural da Casa, o que plantou a semente da curiosidades nestes pesquisadores, que retornaram posteriormente, por diversas vezes, nas festas, atividades, reuniões e demais acontecimentos que acontecem no espaço, de capoeira, do samba e da cultura

baiana. A experiência da deriva foi encerrada, já no escuro da noite paulistana, retornando para a “Escadaria do Jazz”, uma área tombada construída em 1929 que abriga diversas manifestações artísticas da região entre a Rua Treze de Maio e Rua dos Ingleses, em sua variada programação estão: saraus, capoeira do Mestre Ananias, jazz, ensaios da Bateria da 13 - Vai Vai, rodas de conversa, teatro, feira de antiguidades, danças variadas e mostra de cinema.

Buscando compreender estes processos de comunicação e cultura no cotidiano urbano, este artigo sugere uma aproximação entre a investigação formal e a deriva (CRUCES, 2016), pela capacidade de trânsito juvenil pelo Bixiga, em processos que confluem para o reconhecimento de diferentes paisagens que (re)constroem e ressignificam maneiras de ser e estar híbridos. A proposta demonstra que as percepções não são prontas para colar em teorias, de forma que o pesquisador se apropria e sente antes de compreender (MAFFESOLI, 1998). Estas derivas (CRUCES, 2016), levaram, entre outras ricas apreciações, até a Casa do Mestre Ananias, que somada a história da região, se destaca em suas articulações como protagonistas de uma forte resistência cultural negra da cidade de São Paulo, compartilhando uma potente experiência de afetos que reconfiguram e revelam audaciosas maneiras de ocupações dos espaços urbanos, que são percebidos como um sujeito ativo e pulsante, um produtor autônomo de afetos e relações (CARERI, 2013). Território de grandes consumidores e produtores culturais, reconhecido hegemonicamente como reduto de imigrantes italianos, a região do Bixiga (distrito Bela Vista) vem ao longo dos últimos anos, dialogando e promovendo o convívio e negociação cultural de diversidades étnicas, como os italianos, nordestinos e refugiados de diversas origens. Estes últimos chegados à região em maior quantidade nos últimos anos.

A região da Bela Vista na cidade de São Paulo possui o desafio de ser a área com maior densidade demográfica da metrópole, o distrito é um dos mais importantes bairros da cidade⁴, denominado informalmente como Bixiga, a área agrega diversos teatros, inúmeras festas tradicionais de rua, é a casa da escola de samba da Vai Vai, de espaços de valorização e identidade negra, nordestina e italiana, dos diversos imóveis tombados e

⁴ Dados da Prefeitura Municipal de São Paulo, disponível em www.prefeiturasp.gov.br/cidades/secretarias/regionais. Acesso em 29/06/2018

território de desenvolvimento econômico, cultural e social da cidade de São Paulo. Um ponto central de encontro de juventudes de diversas partes da cidade, uma possibilidade de participação cidadã, na representatividade popular no coração e no imaginário coletivo da metrópole paulistana.

O espaço da Casa do Mestre Ananias, contemporaneamente administrada pelo respeitado Rodrigo Bruno Lima, mestre “Minhoca”, recebe em suas rodas capoeiristas de todas as regiões da cidade (não raro de outros estados e até países), atuando como um *cluster* de capoeira e tradições baianas na cidade de São Paulo, o que aponta para uma perspectiva que transborda as fronteiras entre as periferias e o centro da cidade, indicando uma leitura pós-periférica⁵ (Rocha, Silva e Pereira, 2015) para as práticas destas juventudes que frequentam e reconhecem a importância simbólica do local, em suas rodas de capoeira, festas e reuniões, sempre invocando a cultura da tradição da capoeira e sua diversidade de atravessamentos. Nas incursões realizadas na Casa do Mestre Ananias percebemos a participação de jovens de grupos de capoeira de todas as localidades da cidade de São Paulo e proximidades, assim como a presença de mestres legitimados da tradição da capoeira, sambadores e artesãos. Ainda frequentam a Casa, moradores da região da Bela Vista, jovens de diversos bairros que procuram espaços alternativos de samba e forró tradicionais, a comunidade engajada nas lutas e discussões que a casa promove que sempre está presente e colabora para organização e realização dos eventos. O público do cotidiano de capoeira da casa tende a ser jovem, que se desloca grandes distâncias de transporte público das bordas da cidade para participar das rodas de capoeira, não limitando sacrifícios para estar presente naquele espaço tradicional da cultura negra baiana. Participar da roda de capoeira na Casa do Mestre Ananias é uma maneira de visibilidade e legitimidade entre os capoeiristas paulistanos, requer coragem, habilidade e toda malícia que a luta exige.

A forma circular da roda de capoeira, samba e demais atividades da Casa do Mestre Ananias, inspira a representação simbólica de uma cosmovisão “mulata”⁶ dos

⁵ Pós-periféricas – abordagem desenvolvida por Rose de Melo Rocha, Simone Luci Pereira e, Josimey Costa da Silva (2015), que propõe cenários em que as fronteiras rígidas entre centro e periferia se encontram menos nítidas, exigindo uma perspectiva epistêmica que possibilite a compreensão de realidades complexas, onde este trânsito entre estes espaços ocorre. Fluxo é o nome dado pelos próprios frequentadores para as festas informais de funk que ocorrem na rua.

⁶ “Mulato” - utilizado por Quintero Rivera (2000), como uma característica constituída na “impureza” da combinação/mistura entre elementos. Mas o léxico popular latino-americano tem se caracterizado por transformar positivamente termos pejorativos em sua origem. Neste texto, a “mulatice” designa um processo enriquecedor da hibridez.

fluxos entre seus membros, um espaço onde todos são recebidos e bem vindos, se contrapondo com a lógica do capital, que se eleva com seus suntuosos edifícios no entorno da região do Bixiga, reprimindo os espaços de circulação e encontro do jovem pobre e negro, expondo a fantasia da neutralidade de uma trama social sem racismo no Brasil. A ladainha tradicional cantada nas rodas de capoeira: “Lê, volta do mundo! Lê, que o mundo deu! Lê, que o mundo dá, camará!” invoca essa dinâmica múltipla que gesta a capoeira, entre África e Brasil, um dos mais belos exemplos de táticas (CERTEAU, 1994), apropriados por gerações de escravos para resistir e sobreviver a cultura da prática da capoeira, proibida, punida e demonizada até os dias atuais.

Foto: João Marcelo Bras



Roda de Samba da Casa Mestre Ananias

Estas ordens sensíveis, manifestadas fortemente através das corporalidades que a música indica, sempre potente em seus tambores e berimbaus, produto de origens africanas, apropriadas diretamente da região brasileira do Recôncavo Baiano, localidade na qual a capoeira se destacou para o mundo com a produção de grandes representantes desta cultura. Entre eles, o mestre Ananias, o pioneiro na cidade de São Paulo na transmissão da herança africana através das artes da capoeira, em suas representações de artesanatos, gestualidades e vozes. Uma ponta de lança de um chão considerado sagrado por seus participantes, energizando as conexões com suas ancestralidades e dando sentido social de vínculos para as juventudes (BORELLI, 2009) negras paulistanas que ali se encontram e negociam sentidos. O debate sobre as periferias, que muitas vezes carrega um perverso julgamento desqualificante, permite reflexões mais amplas sobre a ligação que existe entre o popular, informal e as hierarquias sociais elitistas.

Através da música, das corporalidades e as demais manifestações culturais que explodem em participações coletivas na Casa do Mestre Ananias, pode-se observar claramente a potência de suas representações de identidades, em demonstrações orgulhosas de

valorização estética e simbólicas de narrativas negras, resgatando modelos ancestrais de resistências contra as perversidades que limitaram e, de maneiras diferentes, porém não menos efetivas, limitam contemporaneamente estas juventudes de atuarem plenamente no corpo social dos espaços da cidade de São Paulo.

Ainda nos é caro para a compreensão deste artigo os elementos de interculturalidade e hibridismo, (GARCIA CANCLINI, 2000) no qual o tradicional e o novo se enlaçam através da criatividade dispersa (CERTEAU, 1994) destes jovens, que se inspiram e constroem identidades ligadas às práticas de valorização de sua estética, moldando critérios de qualidade alinhados ao seu cotidiano junto a Casa do Mestre Ananias. Ao mesmo tempo, pode ser visto e se identificar com o que produz e publica nas redes sociais em diversificadas construções, embaladas pela capoeira, permitindo uma “nova imagem” do jovem negro, seu “lugar dentro da cidade”, discutida por uma lógica de deslocamento territorial e político, sempre conduzida pelo elemento cultural, que associa em suas abordagens as resistências e permanente negociação, (HALL, 2003), no espaço público como forma de entrada para cidadania.

Feixa (2004) define as culturas juvenis como micro-sociedades, com fronteiras inexatas, repletas de intercâmbios e não homogêneas, circulando entre os territórios simbólicos do mundo adulto e um muito próprio, ligado à sua condição de pertencimento propiciada pela Casa do Mestre Ananias, uma linha de referência que permite, pelas brechas, ocupar espaços sensíveis que foram, de maneira perversa, tentadas ao apagamento e invisibilidade, já que reproduzem práticas de uma cultura considerada subalterna e desta maneira, desvalorizada e demonizada por equivocadas perspectivas elitistas contra as representações populares da região do Bixiga, que é reconhecido pelo *mastreiam* turístico da cidade de São Paulo como “bairro italiano”, repleto de famosas cantinas e festas populares, como a tradicional Festa Nossa Senhora de Achiropita, que ocorre no mês de agosto, na paróquia localizada na Rua 13 de Maio. Uma narrativa hegemônica que hierarquiza e torna outras expressões populares, ligadas a narrativas negras, quase desconhecidas, mesmo para os paulistanos, que desconhecem a riqueza de outras manifestações locais.

As relações polarizadas, mais frequentes e aparentes devido a superior capacidade de fluxos de informações sem as mediações formais dos canais hegemônicos, permitem representações identitárias (HALL, 2003), rotuladas como inadequadas, manifestadas pelas práticas de protagonismos virtuais, que sofrem grande discriminação, ainda assim

evocam a oportunidade do debate e envolvimento, podendo levar à possibilidades futuras de diminuição da violência, já que a indiferença pela invisibilidade é a herança mais perversa das sociedades racistas que construíram no Brasil. Pela efetividade da lei Áurea, que desde treze de maio do ano de mil oitocentos e oitenta e oito, não conseguiu a liberdade adquirida, e apontou para a ironia da formalidade que jamais eliminou a prática social da discriminação e servidão do povo negro. Os dispositivos coloniais (BHABHA, 2013) que efetivam a opressão e construíram uma cidade que castiga seus moradores mais carentes, deslocando suas condições de vida para áreas distantes, nas bordas da cidade, e elaborando sujeições políticas de invisibilidade e higienização, sempre em estruturas hierarquizadoras de valores, formas de distinção entre o popular e erudito, centro e periferias, pobres e ricos. Esta coexistência redutora jamais imobilizou as periferias, que de maneiras criativas e pelas brechas sempre ressignificou e encontrou outras possibilidades de negociar e resistir as agendas que agem negando a participação nos espaços da cidade. Esta tentativa de um apagamento social, que ganhou força com políticas públicas para o progresso privado da cidade, rejeitando os estilos de vida destas pessoas, em nome de reconfigurações de espaço para especulação imobiliária (ROLNIK, 2015).

Atualmente a Casa do Mestre Ananias articula discussões e manifestações contra a violência gentrificadora da especulação imobiliária, com a participação da sociedade civil, coletivos da região do Bixiga, organizações não governamentais e estabelecimentos engajados. Todos aliados pelo grito “Vem Parque do Bixiga” na resistência contra a construção de torres residenciais de alto padrão, projeto do Grupo Silvio Santos, na área vizinha ao Teatro Oficina Uzyna Uzona, um espaço que a sociedade civil solicita para administração pública instituir um parque no Bixiga, uma área para cultura e lazer no espaço de onze mil metros quadrados. A região do Bixiga possui a maior diversidade paulistana de espaços tombados, o que não tem impedido a agressiva expansão do mercado imobiliário, comprometendo a região em lógicas gentrificadoras que estão alinhadas com a proposta da atual administração pública, que aponta para lógica da privatização dos espaços públicos urbanos.

O movimento dos moradores e frequentadores da região do Bixiga é pelo direito à cidade, uma disputa pelo último espaço verde da região central da cidade de São Paulo, uma área de onze mil metros quadrados, atravessada por baixo pelo Rio do Bixiga, que junto com

o Saracura e Itororó desembocam no Vale do Anhangabaú, um local cercado história e tradições. O terreno abriga um pomar com uma grande variedade de espécies: manga, cereja selvagem, jaca, romã, abacate e pitanga. O projeto de verticalização do Grupo Silvio Santos é considerado pelos moradores do Bixiga como uma violência, travestido de “revitalização”, pelo progresso de um novo ritmo de urbanização que não leva em consideração os ofícios tradicionais da região, o impacto causado pelo aumento do tráfego, a interferência direta das torres em uma paisagem que possui um conjunto estético arquitetônico baixo, cercada de áreas de grande valor cultural e artístico popular que tende a sofrer grande impacto pelos processos gentrificadores que ameaçam o Bixiga.

Foto: João Marcelo Bras



Fundo da Casa Mestre Ananias

Os mesmos braços que constroem esta cidade, que servem as casas e cumprem ordens que permitem a organização formal dos espaços de luxo, são os que são rejeitados em sua presença e circulação quando, eventualmente, estão em trânsito pelas áreas reservadas pelo imaginário seletivo branco e “superior”. Sua concentração nas periferias representa áreas de convivência, permitidas pelo estranhamento elitista, que considera exótica, relacionado a estigmas (GOFFMAN, 1988) de crime ou simplesmente nega sua cultura de senzala. Formas de sujeição pela despersonalização periférica, em regimes de controle militar, desqualificação cultural e condições de vida cruéis, estas pessoas foram, por gerações, postas em lógicas que garantiam sua baixa autoestima, a objetificação e estética desvinculada dos padrões locais contribuía para uma posição de máxima

exploração, muitas vezes pertinente e análogo ao escravo, em moradias improvisadas, baixa escolaridade, alimentação insuficiente, exposto as dificuldades de trabalhos insalubres, em regiões distantes e com extrema dificuldades de transporte e saúde, para completar some o fator endividamento, sua renda comprometida, o que de certa maneira, aproxima novamente da condição escrava, reduzindo ainda mais sua liberdade e perpetuando as relações de exploração contemporâneas.

A Casa do Mestre Ananias

Todo iniciado na arte da capoeira compreende e reverencia o legado do baiano Ananias Ferreira, o Mestre Ananias, para estruturação da cultura da capoeira na cidade de São Paulo. Considerado uma referência de qualidade musical, de maneira que diversos mestres destacam a afinação sofisticada dos berimbaus da casa de Ananias, sua obra reflete poderosos elementos residuais (WILLIANS, 2011) de sua terra natal. Nascido em mil novecentos e vinte e quatro, em São Félix, no estado da Bahia, região de potente influência africana, de maneira que o candomblé, o samba e a capoeira construíram seus referenciais simbólicos, compartilhados com uma dura realidade de carências, o que levou Ananias a buscar a sobrevivência nas lavouras da cana e fumo, fazendo o caminho que tantos jovens, ainda hoje, reproduzem, da busca de melhores oportunidades de vida, seguindo para Salvador, conviveu e foi influenciado por grandes nomes da capoeira. Foi ali na região conhecida como “Corta-Braço” (onde se localizava o Barracão do Mestre Valdemar) que os produtores Wilson e Sérgio Maia buscaram Mestre Ananias para trabalhar na cena teatral paulistana no ano de mil novecentos e cinquenta e três, de onde contribuiu para dar visibilidade à riqueza do patrimônio espiritual e estético do negro brasileiro, se destacando em diversos teatros paulistanos (Municipal, Arena, São Pedro, TAIB, São Paulo Chic, entre outros) com os sambistas Geraldo Filme, Toniquinho Batuqueiro, Zeca da Casa Verde, Talismã, Jangada, Silvio Modesto, João Valente, João Sem Medo e outros importantes nomes da cena musical (JANOTTI JR; SÁ, 2013) paulistana. Atuou nas peças como Balbina de Iansã e Jesus Homem (ambas de autoria de Plínio Marcos). Esteve no elenco da primeira encenação de O Pagador de Promessas (dirigida por Flávio Rangel) e teve participação na trilha sonora da filmagem deste enredo, em cartaz nos cinemas. Também participou dos filmes: Brasil do Nosso Brasil

(produzido por Xangô), Fronteira do Inferno e Ravina (de Anita Castelane) e fez gravações com Jair Rodrigues, entre outros grandes nomes da música popular brasileira.

O pioneiro entre os capoeiristas na cidade de São Paulo, Mestre Ananias faleceu em 2016, mas seu legado está até hoje em plena atividade e é de enorme influência para as novas gerações na tradição da capoeira paulistana e representante do samba de roda do Recôncavo Baiano na capital, projetos de responsabilidade do mestre Rodrigo Bruno Lima “Minhoca”, discípulo escolhido com todo rigor que caracterizava a personalidade do velho mestre capoeira. Mestre “Minhoca” mantém o legado de Ananias Ferreira (uma figura emblemática da cultura afro-brasileira) de maneira muito efetiva, seus trabalhos são conhecidos e reconhecidos por sua dedicação e qualidade, uma referência cultural da capoeira e cultura baiana na cidade global de São Paulo.

Foto: Casa Mestre Ananias



Mestre Ananias - Praça da República

O modelo atual de atuação da Casa do Mestre Ananias é fruto do amadurecimento da geração de capoeiras - discípulos do Mestre Ananias - que se forma no início da década de 90, a partir da roda dominical de capoeira na Praça da República, um projeto denominado como Associação de Capoeira Angola Senhor do Bonfim (fundada por Mestre Ananias no ano de mil novecentos e cinquenta e três). Ela está sediada hoje na Casa do Mestre Ananias no Bixiga, aonde também estão os grupos de samba de roda “Garoa do Recôncavo” e o grupo de samba “Sem Vintém”, além de toda a iniciativa

cultural e sócio educacional proposta nas atividades regulares da casa, como a escola de capoeira, oficinas de artesanato e diversas festas inspiradas na cultura do Recôncavo Baiano. Uma autêntica *ágora*, espaço de resistência, de confronto e diálogos e de aprendizagem de múltiplos talentos e interculturalidades (GARCIA CANCLINI, 2005). Este espaço é a emanção da visão de Mestre Ananias, expressão potente de afetos que inscreve esta vitalidade coletiva num lugar altamente simbólico para a cultura negra, compatibilizando a liberdade informal da rua com o comprometimento com as causas que afetam a região do Bixiga.

A Casa do Mestre Ananias configura-se como espaço de referência sócio educacional e vivencial dos saberes populares, patrimônio cultural e imaterial da humanidade representado pela capoeira, no centro da cidade de São Paulo, favorecendo o desenvolvimento local da comunidade onde atua, com ações que visam a educação cultural de crianças e jovens, aproximando família, comunidade e escola na região do Bixiga. Impressiona ver as crianças cantando músicas tradicionais de seus antepassados, brincando com naturalidade com instrumentos musicais e se divertindo em atividades quase extintas hoje, em uma cidade como São Paulo, na região central, histórias em volta da fogueira, capoeira, carrinho de rolimã, pião, bola e outras brincadeiras distantes de toda aparelhagem eletrônica, invocando a convivência e vínculos com as tradições ancestrais e a comunidade. Em um processo identitário de estimular a integração social, a cidadania e a elevação da autoestima, principalmente nas tradições afro-brasileiras, com foco nas expressões da cultura baiana para as gerações descendentes que vivem na capital paulistana. É um espaço onde a informalidade e o caráter familiar são os ingredientes fundamentais para hospedar as manifestações populares aos que buscam alternativas à sociedade de consumo.

A capoeira é compreendida na Casa do Mestre Ananias como a própria entidade educacional, uma vez que sua riqueza e abrangência artística, além da força de resistência e socialização, promovem a autonomia no processo de formação das subjetividades destas culturas juvenis (BORELLI *et al.*, 2009). Tanto na roda de capoeira, na ginga e na mandinga, como na entonação e nas manifestações do canto, do pandeiro, do atabaque, nos passos inesperados do samba dançado e na produção artesanal de seus instrumentos, estas juventudes portam no seu corpo as marcas gestuais ancestrais, as posturas, as inflexões vocais que denotam a origem cultural africana e nordestina. Outra forte

característica popular de Mestre Ananias, é marcada pela condução de rodas de capoeira em praças públicas, em diversos espaços da cidade, favorecendo para que a roda na Casa não seja restrita a uma linhagem ou estilo dentro do universo da capoeira. Propõe um ambiente descontraído que preza a autonomia, o respeito e, sobretudo, o diálogo entre as diferenças, que o espaço público permita manifestar visibilidades e usos democráticos do território. O que define um "padrão" é a exigência do Mestre Ananias, mantido atualmente por seus discípulos, em relação a sua herança tradicional de ritmo e musicalidade de grande qualidade, elementos de reconhecimento e legitimidade de seu trabalho por toda comunidade da capoeira. O Samba de Roda segue os padrões tradicionais do Recôncavo Baiano, tendo a viola-machete e o samba chula como identidade principal de suas representações nas frequentes festas organizadas pelo mestre Rodrigo "Minhoca".

Considerações Finais

Apropriando-nos do conceito de pós-periférico (Rocha, Silva e Pereira, 2015), em seus borramentos de delimitações entre espaços, cenas e territórios, associado com o exercício proposto por CARERI (2013), de pensar a cidade como arquipélagos, onde os acontecimentos que estão à margem, "banhados" pelas ondas, que constantemente trazem e levam transformações dos centros às margens; isso nos permite assumir a necessidade de algumas observações e escutas, que acionam afetos e interações que só percebemos quando, literalmente andamos e nos perdemos pelas cidades, expondo nossos corpos e sentidos. Permitindo ver, escutar e sentir, em suas representações de pertencimento, configurando espaços interculturais repletos de apropriações cosmopolitas, porém em diálogo com a identidade cultural local, em seus processos de hibridismos e negociações.

Estas manifestações, encontradas na região do Bixiga, acionam a percepção sensível (MAFFESOLI, 1998), onde importam as subjetividades e valores simbólicos, representados neste artigo pela Casa do Mestre Ananias e as suas ricas expressões de cultura popular, utilizando o território como elemento legitimador que energiza as suas atividades de valorização, através das artes que atravessam a capoeira, da cultura afro-brasileira e baiana na cidade de São Paulo. Compreender essas manifestações e relações que ocorrem na cidade, mais especificamente entre os atores aqui retratados, nos permite

perceber a geração de socialidades, os usos e apropriações nos territórios das cidades. Nos permite também entender como as escolhas dos nossos roteiros, dos lugares por onde caminhamos, passamos e nos deslocamos, contribuem para um jogo de disputas, escolhas e conflitos pertinentes aos lugares e espaços (HAESBAERT, 2002).

As atividades vinculadas a Casa do Mestre Ananias demonstram sua importância, fundamental para região do Bixiga, como maneira de favorecer o desenvolvimento local da comunidade e como pólo de referência de capoeira, criando vínculos entre a cultura tradicional baiana e o cotidiano de juventudes paulistanas, valorizando sua estética e promovendo o engajamento consciente deste. Apropriados para a realidade contemporânea, de resistências frente a agressões gentrificadores constantes e poderosas de um sistema neoliberal, a proposta cultural da Casa do Mestre Ananias promove um ambiente que permite: visibilidades de discursos e presenças populares, elevando o nível dos protagonismos juvenis através do pertencimento de tradições que constituem nossas identidades como paulistanos e brasileiros. O que está em jogo vai muito além das disputas e negociações por territórios e possessões geográficas, mas as imagens e representações que constroem e impedem, por uma hierarquização polarizadora, as experiências e saberes populares. Questionando o modo de representação da alteridade em uma metrópole que é marcada pelas relações de contraste entre as diversidades.

Referências

- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte. Editora: UFMG 2013.
- BORELLI, Silvia, OLIVEIRA, Rita, ROCHA, Rose et alli. **Jovens na cena metropolitana**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BORELLI, H. Silvia, PEREIRA, Simone Luci. **Música “alternativa” na Vila Madalena: práticas musicais juvenis na cidade**. Fronteiras, v.17, n 3. 2015.
- CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo. Ed. G. Gilli, 2013.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes. 1994.
- CRUCES, Francisco. **Cosmópolis: nuevas maneras de ser urbanos**. Barcelona: Gedisa, 2016.

DELGADO, Manuel. **EL animal Público:** hacia una antropología de los espacios urbanos. Barcelona. Ed. Anagrama, 1999.

FEIXA, Carles Pàmpol. **A construção histórica da juventude.** In.: CACCIA-BRAVA, Augusto et al. Jovens na América Latina. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

_____. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada, Rio de Janeiro, Editora LTC, 1988.

GONZÁLEZ-VICTORIA, Luis Manuel. Artes de acción: re-significación del cuerpo y el espacio urbano. Universidad del Valle, Cali – Colombia. **Revista Nodo** n10, vol. 5, p. 55-72, junio/2011.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos.** São Paulo/Rio de Janeiro: Contexto/EdUFF, 2002.

HARVEY, D. O Direito à Cidade. **Lutas Sociais.** São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez. 2012

HALL, Stuart. **Da Diáspora:** identidade e mediações culturais. Organização de Liv Sovik. Tradução de Adelaide La Guardia. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

HERSCHMANN, M. Cenas, circuitos e territorialidades sônicas-musicais. In: JANOTTI JR. J.; SÁ, S.P. (Org.). **Cenas Musicais.** Guararema/SP. Ed. Anadarco, 2013

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível.** São Paulo. Ed. Vozes, 1998.

QUINTERO RIVERA, Mareia. A cor e o som da Nação: A ideia de mestiçagem na crítica musical do Caribe Hispânico Insular e do Brasil (1928-1948). São Paulo: Annablume, 2000.

ROCHA, Rose de Melo. SILVA, Josimey Costa. PEREIRA, Simone Luci. **Imaginários de uma outra diáspora: consumo, urbanidade e acontecimentos pós-periféricos.** Galaxia (São Paulo, Online), n. 30, p. 99-111, dez. 2015.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos Lugares: A colonização da terra e da moradia na era das finanças.** Editora Boitempo, São Paulo, 2015.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade:** de Coleridge a Orwell. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.